

# TRABALHO, EDUCAÇÃO E PRÁXIS DOCENTE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ENSINO DE HISTÓRIA EM PARNAÍBA-PI.

<sup>1</sup>Apollo Kennedy Cardoso Sousa

<sup>2</sup>Maria do Carmo Portela Nunes

## RESUMO

Diante das metamorfoses societárias e educacionais na contemporaneidade, o trabalho docente e a forma como se dá a produção dos conhecimentos históricos são reflexões que devem ser discutidas e analisadas para melhor compreendermos como essas categorias de estudo se constituem no decorrer da história. Entendendo a importância de tal debate é que nos propomos a analisar essa perspectiva com um novo olhar, algo que possibilite uma maior aproximação dos fatos sociais, dando ênfase aos atributos interdisciplinares e do trabalho docente em sua práxis. As reflexões desse texto incidem em compreender as transformações metodológicas com um olhar crítico-reflexivo acerca da práxis docente no Ensino de História, como também conhecer as principais transformações ocorridas em tal disciplina, além de investigar acerca da precarização do trabalho docente. Assim, realizamos uma investigação de natureza qualitativa, em uma sala de aula do 2º ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Parnaíba-PI. Utilizamos, como instrumento de pesquisa, a entrevista semi-dirigida, além de observações realizadas durante a aula de História da referida turma. As reflexões evidenciaram como a proletarização do trabalho docente retira do (a) professor (a) sua função de intelectual transformador (a), demonstrando que ainda permeiam em nosso sistema de ensino educacional fundamental da rede pública, no Ensino de História, metodologias com fortes características tradicionais que relacionam tal disciplina à necessidade de técnicas meramente decorativas que não privilegiam a capacidade intelectual do aluno nem do (a) professor (a).

**Palavras-chave:** Trabalho. Educação. Práxis Docente. Ensino de História.

Frente às inúmeras transformações tecnológicas que contribuem para várias mudanças no desenvolvimento humano e educacional é que buscamos entender como o professor na disciplina de história está ministrando suas aulas. Assim iremos focalizar o trabalho docente e as metodologias utilizadas na disciplina de historia nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Estamos investigando e refletindo este tema para compreender como foi o processo educacional nas décadas passadas para entendermos o presente e imaginarmos o futuro, assim de forma crítica, devemos realizar pesquisas tanto históricas quanto políticas para saber se os professores dispõem de métodos pautados em princípios éticos, reflexivos e que visem à compreensão ampla do aluno sobre a disciplina de historia.

---

<sup>1</sup> Autor, graduando do 9º semestre do curso de Pedagogia-UFPI Campus de Parnaíba

<sup>2</sup> Coautora, graduanda do 7º semestre do curso de pedagogia-UFPI Campus Parnaíba

O trabalho docente elemento chave de nossa pesquisa, deve ser considerado como a principal engrenagem de mudança e transformação das realidades sociais, por isso torna-se muito importante sabermos de que metodologia, que currículo e material didático ele dispõem, pois são grandes as responsabilidades a serem enfrentadas por um profissional da educação que desenvolve seu trabalho em meio a uma realidade opressora governada pelas elites dominantes que só buscam o enriquecimento. Nos parâmetros curriculares nacionais de história e geografia entende-se que:

Nas últimas décadas, o conhecimento histórico tem sido ampliado por pesquisas que tem transformado seu campo de atuação. Houve questionamentos significativos, por partes dos historiadores — indivíduo e classes sociais —, sobre os povos nos quais os estudos sociais devem se concentrar, sobre as fontes de documentais que devem ou podem ser usadas nas pesquisas e quais as ordenações temporais que devem ou podem prevalecer. (BRASIL,1997, pag.30)

Sendo criticada constantemente a forma como se dá a produção dos conhecimentos históricos, em que se valoriza determinadas partes ou classes da sociedade, que se percebe de um ângulo como a única responsável pelo desenvolvimento e propulsora dos avanços nos setores políticos, econômicos e históricos de sua nação é que nos propomos a analisar essa história com um novo olhar, algo que proporcione uma maior aproximação dos fatos sociais, dando ênfase aos atributos interdisciplinares e do trabalho docente.

Para isso caminhamos com o objetivo de compreender as transformações metodológicas com um olhar crítico-reflexivo acerca da práxis docente no Ensino de História no 2º ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Parnaíba-PI, como também conhecer as principais transformações ocorridas no Ensino de História, além de investigar acerca da precarização do trabalho docente, pois não podemos esquecer que uma das finalidades da disciplina de História está na relevância em proporcionar a constituição da noção de identidade, permitindo dessa maneira estabelecer relações de respeito às subjetividades nas inter-relações sociais e coletivas para constituição de uma sociedade mais justa. Sendo assim, precisamos estar cientes da extrema importância que tem a disciplina de História para a formação do sujeito, a qual quase sempre foi julgada como uma disciplina meramente decorativa. Sabendo disso não podemos aceitar a forma como a mesma vem sendo ensinada nas escolas públicas do país e, em específico, em Parnaíba-PI.

As lembranças de muitos dos alunos da História escolar e os livros escolares produzidos no século XIX indicam o predomínio de um método de ensino

voltado para a memorização. Aprender História significava saber de cor nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos.  
(BITTENCORT, 2011 Pag.67).

Considerando as tendências e concepções metodológicas e curriculares que permearam a disciplina de História no Brasil, percebemos que foram poucas as mudanças efetivas que a mesma sofreu. Muito de nossos alunos na esfera pública ainda continuam recebendo ensino de décadas passadas em pleno século XXI e tudo isso permitido por pais, alunos e comunidade. Devemos compreender que se continuarmos sendo coniventes com a maneira que é tratada a educação em nosso país, este será sempre subdesenvolvido e isso não se leva apenas à educação, mas a várias instâncias do país.

Nestes termos, o trabalho docente encontra-se historicamente precarizado e desvalorizado. Com tantas mudanças, transformações sociais e educacionais, indagamos como o currículo focalizando as metodologias trabalhadas pelos (as) professores (as) no Ensino de História tem se modificado para se adequar aos alunos do sec.XXI? Qual o material didático utilizado? Em que condições o trabalhador (a) docente desenvolve sua atividade profissional na escola pública? Entendendo que o Ensino de História tem que ser repensado e dialogado criticamente ainda muitas vezes para não cometermos os mesmos erros do passado, objetivando conhecer a realidade de nossos alunos, é que fizemos a pesquisa para possibilitar a identificação dos limites e possibilidades do trabalho docente na disciplina de História que ocorrem em uma Escola Pública de Parnaíba-PI.

### **Transformações no Ensino de História e o Trabalho Docente**

Atualmente os alunos estão desenvolvendo habilidades diversas muito mais cedo do que antes, sejam elas cognitivas, motoras complexas ou simples de uma maneira que não sentem muitas dificuldades em aprendê-las. Entendemos que esse desenvolvimento não formal se deve a disseminação do conhecimento e ao convívio desde muito cedo, interagindo com seu meio social, mas sabemos que nem sempre foi assim, porque historicamente o conhecimento era privilégio e pertencia a um grupo determinado da sociedade que o manipulava, através do poder que exercia em pertencer à classe opressora. Mas a sociabilidade a que nos referimos está no contato direto ou indireto, de alguma forma esta sendo atingido e induzindo a conhecer as atualizações e modernizações ocorrentes no mundo. Circe Bittencourt (2001) entende as mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais

e pelos computadores como inevitáveis, pois geram sujeitos com novas habilidades e diferentes capacidades de entender o mundo.

Essa facilidade de integração é fruto das novas tecnologias que nos tornam muito mais próximos e interligados no mundo. Os meios de comunicação destacando aqui a internet e televisão, se tornaram meios extremamente importantes, tendo como principal função a divulgação e o entretenimento agindo também como uma porta para os conhecimentos científicos e suas descobertas, influenciando de forma significativa as interações sociais. Essa interação aliada ao desenvolvimento da criança o facilita na habilidade de operação.

As raízes dessa “marchar para o equilíbrio” encontram-se no período sensório-motor, durante o qual as crianças constrói esquemas de ação que constitui uma espécie de lógica das ações e das percepções. Essa primeira organização da inteligência sensório-motora anuncia a ulterior, na qual as ações serão interiorizadas – ou seja, efetuadas mentalmente. De dois a sete anos – período pré-operatório- embora a inteligência já seja capaz de empregar símbolos e signos, ainda lhe falta a reversibilidade, ou seja, a capacidade de pensar simultaneamente o estado inicial e o estado final de alguma transformação efetuada sobre os objetos( por exemplo, a ausência de conservação da quantidade quando se transvasa o conteúdo de um corpo A para o outro corpo B, de diâmetro menor). Tal reversibilidade será construída nos períodos operatório concreto e formal. ( LA TAILLE, 1992 p. 17).

Então, a partir desses períodos a construção da identidade começa se constituindo através das brincadeiras, tendo como o fator preponderante o lúdico, nessa fase da infância é essencial que seja concedido a criança a oportunidade de desenvolver e aproveitar ao máximo, para que com isso não chegue à escola com experiência traumática, que tenha em si, o conhecimento e a partir dele com o auxílio do professor que deve desenvolver em sua práxis metodologias que estimulem o desenvolvimento criando mecanismos que favoreçam a apropriação e produção do conhecimento.

É importante salientar que a passagem pelo ensino formal obedece a critérios em que se encontram pré-requisitos a serem empregados no cotidiano das escolas. Contudo, sabemos que nem sempre a escola foi estruturada assim, houve varias mudanças durante o processo histórico, que resultou na escola que conhecemos hoje. Uma das mudanças mais notáveis foi a organização dos conteúdos escolares em disciplinas e essas divididas ao longo da duração em períodos de estudo. Isso se deve a produção e estruturação do currículo escolar, que obtém o modo padronizado de aprender e se relacionar com o conhecimento. Mas

não foi fácil chegar a empregar o currículo que conhecemos hoje, seu processo histórico é uma homogeneização entre a história da educação e o currículo. Bittencort (2001) relata que:

A história escolar integra o conjunto de disciplinas que foram sendo constituídas como saberes fundamentais no processo da escolarização brasileira e passou por mudanças significativas quanto a métodos, conteúdos e finalidades até chegar à atual configuração nas propostas curriculares. (P.33).

Historicamente nosso primeiro contato com educação escolar foi através dos jesuítas, que implantaram no Brasil o modelo de ensino europeu Ratio Studiorum, com a principal finalidade que era a contrarreforma e a conquista europeia nas Américas. Seus ensinamentos eram direcionados para a catequização dos índios e a implementação de cristãos para aumentar sua igreja. As transformações educacionais que ocorreram através da ascensão burguesa, em sua busca incessante pelo capital, com iniciativas e bastante investimento científico para a industrialização, foram produzindo novas concepções em relação à construção do desenvolvimento intelectual e social da criança.

Até os anos 30 do século XX imperava no Brasil a pedagogia tradicional em que o professor tinha o monopólio sobre o conhecimento. Logo após aconteceram diversas mudanças, uma delas foi a criação do Ministério da Educação, que impôs um sistema organizado e centralizado nas escolas com normas rígidas e gerais. O período referente ao processo de industrialização foi de grande turbulência no âmbito político, socioeconômico, cultural e ideológico no país, alguns educadores brasileiros preocupados com a educação buscaram novas propostas e tiveram como referência autores americanos, com isto foram desencadeadas reformas bem como sugestões de organização curricular, iniciando a sistematização do processo escolar, e isso aconteceu no Brasil, com o movimento da Escola Nova em 1933, que diferente do tradicional, tinha como objetivo central estimular a autonomia do aluno para desenvolver o seu conhecimento, passando a ser um sujeito ativo e participativo no processo de ensino aprendizagem.

Um fato relevante nesse período, devido a intensos debates sobre o currículo foi a substituição da História e Geografia por Estudos Sociais que ocorreu de maneira parcial só em algumas escolas. Mas ainda estava por vir um dos piores ou o pior momento do século XX no Brasil a Ditadura Militar (1964 a 1985), que aconteceu por parte devido a influência norte americana preocupada com a conscientização e movimentos em favor de uma sociedade mais justa para os excluídos, como também a expansão do socialismo, interviu junto com os

militares e as classes dominantes e com isso mais uma vez foi implementada uma reforma educacional pela lei 5.692 de agosto de 1971 que introduziu os Estudos Sociais em todas as escolas como também a super valorização do sistema educacional o tecnicista. O âmbito do trabalho docente assume um caráter técnico e burocrático. Contudo, de acordo com Bittencort (2001):

No Brasil, as reformulações curriculares iniciadas no processo de redemocratização da década de 80 pautaram-se pelo atendimento às camadas populares, com enfoques voltados para uma formação política que pressupunha o fortalecimento da participação de todos os setores sociais no processo democrático.( P.102).

Resumindo brevemente a historia do currículo no Brasil para que se tenha uma noção ampla da situação, pois vivemos três anos séculos de práticas escravistas, que resultaram em uma sociedade patriarcal, influenciada pela igreja católica e repleta de profundas desigualdades sociais, os currículos escolares foram se constituindo em meio a essas diferenças sociais que marcaram de forma significativa a história da educação o que acaba evidenciando a separação histórica entre “escola para os pobres” e “escolas para as elites”. Essa situação ocorreu em todo o nosso passado, esta no nosso presente e certamente se ficarmos como espectadores, acontecerá no nosso currículo futuro.

Há, pois, um entendimento explícito e não mais oculto de que a escola não é apenas o “lugar” onde os alunos são alfabetizados ou obtêm informações de maneiras sistematizada pelas disciplinas escolares, mas também a instituição em que se aprendem conteúdos sociais e culturais associados a comportamentos, valores e ideários políticos. (BITTENCORT, 2001 P.106).

Para que essas desigualdades sejam cessadas torna-se necessário análises profundas da nossa realidade social, política e educacional. Entendendo que somente conhecendo essa realidade é que podemos intervir nela para transformá-la é que escolhemos uma escola pública de Parnaíba-PI para analisarmos por meio de observações e entrevistas o trabalho docente, objetivando compreender as transformações metodológicas que norteiam a práxis educativa no Ensino de História no 2º ano do ensino fundamental.

A escola objeto de pesquisa tem avanços discretos no que se refere à estrutura física. Depois de algumas observações e um maior contato com a turma e com a professora observada, realizamos uma entrevista com essa docente com perguntas voltadas para sua

atuação no Ensino de História. Durante a entrevista quando perguntamos sobre sua opinião quanto ao currículo de história e suas transformações, ela relata que o currículo trabalhado na disciplina de história deixa muito a desejar, por se tratarem de saberes vagos, como datas comemorativas, contudo, a mesma ressalta a importância dessas datas, porém a maneira como são trabalhadas e a própria didática utilizada pela escola e repassada a ela para se trabalhar tais conteúdos, não beneficia o aluno em nada, pois o importante para a direção é que o cronograma seja obedecido e os conteúdos sejam repassados. Mediante tais colocações torna-se notório que não se prioriza a compreensão do aluno para que este possa construir um saber que abarque o contexto histórico-social do assunto. A práxis pedagógica acaba negligenciando o papel transformador da educação e transforma o ato educativo em um mero repasse de conteúdos o que nos remete a crítica que Freire (1983) faz quanto à educação bancária:

... a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los. (P. 66)

No decorrer da entrevista a professora reclama por ter apenas alguns meses que ministra aulas e se diz desestimulada, pois se sente presa ao desânimo manifestado pelas professoras com mais tempo de serviço às quais, segundo a professora, já não querem ter trabalho, acham que não tem jeito e que nunca nada na educação mudará, só por que já tiveram experiências fracassadas dizem que tentaram de tudo e não vão perder mais tempo tentando novamente. Percebemos nesse momento que tais docentes encontram-se alienadas, pois de acordo com Gadotti (1997) “Admitindo-se que o homem se realiza pelo trabalho, também temos que admitir que ele pode ‘perde-se’ nele. Sendo uma necessidade humana, o processo de trabalho que escapar ao domínio do homem aliena o próprio homem” (p.45).

A professora entrevistada diz que tem que acatar com tais argumentos de resignação sem reivindicar por estar em período probatório e relata ainda que “... tem as professoras da mesmice, que te poda, e eu fui podada”. Diante dessas colocações percebemos como o trabalho docente perde com o passar do tempo, devido a um sistema explorador, seu caráter intelectual, pois essas professoras que já não acreditam em seu trabalho passam simplesmente a desempenhar funções meramente burocráticas sem qualquer tipo de reflexão

crítica de sua realidade, e isso resulta na proletarização do trabalho docente considerada por Giroux (1997) como o mero fazer técnico que retira da docência sua função intelectual transformadora que deve combinar “a reflexão e a prática acadêmica a serviço da educação dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos”. (P.158)

Em outra fala a professora entrevistada, faz colocações referentes à família dos alunos a qual, de acordo com a docente, não dá o apoio necessário para uma aprendizagem significativa e completa do educando, sendo que a maioria dos pais alega o trabalho como a principal desculpa para o distanciamento da escola, e muitos demonstram comportamentos discriminatórios contra a própria escola, pois a maioria desses pais são analfabetos e muitos não acreditam que a escola poderia mudar a vida de seus filhos, ou seja, essas pessoas encontram-se em um estado de conformismo. E diante dessa realidade o trabalho docente encontra-se mais uma vez preso à lógica de um sistema que domina as pessoas de uma forma tão forte que até mesmo a crença na educação cai por terra.

Em relação aos métodos utilizados no processo de ensino/aprendizagem sabemos que são de extrema necessidade, pois é através da metodologia que o professor vai trabalhar o conteúdo a ser ministrado em suas aulas, com o objetivo que o aluno aprenda e saiba argumentar o assunto e aplique na sua realidade. Mas para isso acontecer é fundamental um bom planejamento que deve ser pensado levando em consideração a realidade em que os alunos se encontram, pois de acordo com Libânio (1991):

Os métodos são determinados pela relação objeto-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos. Temos, assim, as características dos métodos de ensino: estão orientados para objetivos; implicam numa sucessão planejada e sistematizada de ações, tanto do professor quanto dos alunos; requerem a utilização de meios. (P.149).

Diante disso, perguntamos a professora de que forma ela trabalhava o livro didático, a mesma respondeu que a escola não dispunha de tal recurso e ela utiliza textos de outros livros além de pesquisas na internet para assim trabalhar o conteúdo proposto. Continuando a entrevista fizemos uma indagação sobre a importância de se estudar história? Ela enfatiza que “nós precisamos saber o que houve no passado, para entender o que está acontecendo no presente, para melhorar o nosso futuro”. Embora a docente tenha em mente uma significativa compreensão da importância do estudo da história, desenvolver seu trabalho



mediante uma realidade repleta de contradições e em condições precárias de trabalho, torna-se uma tarefa muito difícil e complicada.

Deve-se ressaltar que os métodos utilizados em décadas passadas não privilegiavam a compreensão do aluno, como o método tradicional que colocava o professor com o centro de tudo, dando ênfase aos conteúdos, mesmo que esse não significassem nada para o aluno. Em relação com a disciplina de história, o método de memorização ou “decorativo” era a forma de se trabalhar tal disciplina, e de certa forma ainda perpassa na maioria das escolas esse tipo de metodologia, herança do ensino jesuíta. Bittencourt (2001) chama-nos a atenção exatamente à persistência de tais críticas ainda nos dias atuais, o que indica tratar-se de um método que se mantém apesar das argumentações que passaram a considerá-lo inoperante ou secundário na aprendizagem.

Na entrevista com a professora ela relata que foi aprender história na universidade, por que sua professora do ensino básico e médio apenas copiava o exercício no quadro e não explicava, era decorar e fazer a prova. Então perguntamos como ela faz com os seus alunos? Ela disse “como o tempo é muito curto e o conteúdo é só datas comemorativas”, tenta fazer uma contextualização do que ocorreu de relevante referente a determinada data que está sendo trabalhada para que eles tenham a noção dos motivos, da importância dessa data. Na entrevista também perguntamos a professora se os alunos entendem por que estudam história, ela então responde: “Não. Por que as cúpulas onde o poder se reuniu para organizar os conteúdo e programas, esses não condizem com a realidade e não valoriza o conteúdo importante. Seu foco é datas comemorativas”.

Desse modo diante de tais respostas percebemos como a descrença por parte dos professores (as) é preocupante quanto à constituição dos currículos, pois o (a) docente mais uma vez sente-se alheio (a) à construção de seu próprio fundamento de trabalho, que é o currículo, o que acaba por evidenciar ainda mais o quanto o trabalhador docente é desvalorizado e precarizado, uma vez que:

A desvalorização social, política, cultural do magistério de educação básica é um componente de nossa formação histórica. A experiência da docência na instrução ou no ensino primário, elementar, fundamental ou básico não mereceu o prestígio de uma experiência social, política e cultural nobre, séria. Não foi tida como uma função que participasse do poder. Porque a própria instrução pública, o ensino, a educação e a escola pública não foram reconhecidos como uma experiência nobre, séria. Nem como uma instituição concentradora do poder. (ARROYO, 2011, p.74)

Durante as observações realizadas na aula de história notamos que a professora tem o domínio da classe isso não quer dizer que ela não perca o controle algumas vezes e usa sua autoridade para acalmar os alunos, como também detectamos o uso de material didático pesquisado pela professora na internet e aplicado, contraditoriamente na forma tradicional com a exposição no quadro para os alunos copiarem, seguida explicações realizadas mecanicamente pela professora que em seguida passa um exercício descritivo para que os alunos respondam em casa. Essa pesquisa não tem a intenção de atribuir à professora a “culpa” de todo o processo, mas sim colocar em discussão a necessidade de uma (re) organização do trabalho docente, o qual encontra-se precarizado, em busca de uma aprendizagem significativa, rompendo com relações reprodutivistas e alienantes.

### **Considerações finais**

A historicidade da educação brasileira demonstra como o trabalho docente foi, ao longo de tantas reformulações de currículo, cada vez mais deixado em terceiro plano, pois os professores de certa forma não participam efetivamente da seleção dos conteúdos os quais serão trabalhados em suas aulas. Ainda vivemos em um país em que as decisões acontecem de forma verticalizada, evidenciando os interesses de um pequeno grupo que se sobrepõe a outro grupo, o qual mesmo sendo em maior número encontra-se preso a um sistema que faz com que sua voz seja abafada. E os docentes que fazem parte desse grupo que é explorado, com o passar do tempo ficam desestimulados, devido a uma sobrecarga exaustiva de trabalho sem uma remuneração adequada nem reconhecimento digno de sua profissão, caracterizando assim a proletarianização do trabalho docente que foi evidenciada no decorrer da pesquisa.

As observações realizadas demonstraram como o Ensino de História está longe da realidade dos alunos e como isso impossibilita a construção de indivíduos conhecedores de seu passado e que ficam impossibilitados de refletirem quanto a seu presente para melhor pensarem no seu futuro, uma vez que, datas comemorativas pouco influenciam na reflexão crítica do educando, o que é fundamental na formação de sujeitos críticos e reflexivos, além disso, os métodos utilizados nas aulas de história, voltados para a memorização dos conteúdos, atrelados à falta de recursos como livro didático (material importante para um trabalho completo, considerando a natureza reflexiva de tal disciplina), dificulta ainda mais o aprendizado do aluno, o que acaba transformando o trabalho docente em um fazer meramente burocrático sem um viés social, político e cultural, em que o professor perde uma de suas

principais características que é atuar como um intelectual. E tudo isso acaba por descaracterizar o real papel da educação.

A esse respeito, são ilustrativas as seguintes palavras de José Ortega y Gasset, o ilustre filósofo da ‘republica dos trabalhadores’: ‘Se educação é a transformação de uma realidade, de acordo com certa idéia melhor que possuímos, e se a educação só pode ser de caráter social, resultara que a Pedagogia é a ciência de transformar sociedades.’ Esta confiança na educação como uma alavanca da historia, corrente entre os teóricos da nova educação, supõe, como já vimos na ultima lição, um desconhecimento absoluto da realidade social. Ligada estreitamente à estrutura econômica das classes sociais, a educação, em cada momento histórico, não pode ser outra coisa a não ser um reflexo necessário e fatal dos interesses e aspirações dessas classes (PONCE, 1983, Pag164).

Por meio desse estudo foi possível perceber que ainda permeiam em nosso sistema de ensino educacional fundamental da rede pública em Parnaíba-PI, no Ensino de História, metodologias ainda com fortes características tradicionais que relacionam tal disciplina à necessidade de técnicas meramente decorativas que não privilegiam a capacidade intelectual do aluno nem do (a) próprio (a) professor (a) que acaba aderindo às práticas incoerentes, que não vinculam o que está nos currículos com o que acontece na realidade. Contudo, não devemos assistir a tudo isso como meros expectadores, pois somente quando os professores e professoras passarem a si reconhecer enquanto classe trabalhadora explorada, é que poderemos buscar meios de organização que possibilitem a efetivação de direitos trabalhistas dignos, para que com isso possamos enfim vislumbrar um cenário educacional propício a mudanças reais que possibilitem a construção de uma sociedade mais justa, com sujeitos que se reconheçam enquanto seres históricos, autônomos e atuantes, capazes de modificar sua realidade.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFIAS

ARROYO, Miguel. **Currículo: território em disputa**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

BITTENCORT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de historia: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacional: Historia e Geografia**. Volume 5. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

LA TAILLE, Yves de; OLIVERA; Marta Kohl de; DANTAS, Eloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LIBANEO, Jose Carlos. **Didática**, São Paulo: Cortez, 1991.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1983.